



Coleção

Terras de Quilombos

São Paulo

Comunidade Quilombola São Pedro



As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA, autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, CGPCT e NEAD (MDA) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola São Pedro

O Quilombo de São Pedro está localizado nos municípios de Eldorado e Iporanga, no estado de São Paulo, na margem esquerda do Rio Ribeira do Iguape. Em 2011, a comunidade era formada por 135 pessoas, distribuídas em 39 famílias. O território de São Pedro tem 4.692 hectares e faz parte de um conjunto de comunidades negras rurais do Vale do Ribeira. É vizinho dos quilombos de Galvão, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima e Ivaporunduva, também reconhecidos nas redondezas como bairros negros ou sítios. A principal característica de São Pedro é a prática da agricultura de coivara, baseada no revezamento das terras cultivadas e no respeito aos ciclos da Lua e das quatro estações.



A luta do quilombo de São Pedro se destaca pela centralidade de seu compromisso com a sustentabilidade ambiental. Entretanto, os saberes tradicionais da comunidade foram desafiados pela decretação da Área de Preservação Permanente da Mata Atlântica. A comunidade reivindica a legitimidade de suas práticas de cultivar a terra, pois convive há décadas com a natureza sem causar danos ambientais.

A cidade de Iporanga reúne cavernas e cachoeiras, tendo a pesca e a agropecuária como suas principais atividades. Caracterizado pelo trabalho rural, o município abriga os quilombos de Pilões, Maria Rosa e uma parte do território da comunidade quilombola de São Pedro. Já a cidade de Eldorado possui rios, cachoeiras, córregos de águas límpidas, piscinas naturais e cavernas. Nela estão localizados os quilombos Ivaporunduva, Galvão, Pedro Cubas, Nhunguara, André Lopes, Sapatu, além da outra parte territorial do Quilombo de São Pedro.



Cachoeira Poça, Quilombo São Pedro. Fonte: ISA, 2008.

O Vale do Ribeira e seus quilombos

O Vale do Ribeira tem a maior concentração de comunidades negras de São Paulo, com aproximadamente 60 quilombos. Algumas dessas comunidades ainda não foram reconhecidas como quilombolas, enquanto outras estão em processo de reivindicação da titulação dos seus territórios. O Vale está dividido em três regiões: a Baixada do Ribeira, onde estão localizadas as cidades de Eldorado, Jacupiranga, Registro, Pariquera-Açu e Sete Barras; a Sublitorânea, formada pelos municípios de Iguape e Cananeia; e o Alto Ribeira, onde estão as cidades de Iporanga, Apiaí e Ribeira.

Localizado na Serra do Mar, o Vale do Ribeira ocupa 10% do território paulista e guarda um importante corredor biológico formado pela maior área remanescente de Mata Atlântica do Brasil. Em 1999, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceu a região como Patrimônio Natural da Humanidade. Além disso, o Vale é marcado por uma grande diversidade cultural. Prova dessa riqueza foi o lançamento em 2013 do Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira, estudo que reuniu informações culturais de 16 comunidades quilombolas da região – incluindo o Quilombo de São Pedro – e identificou 180 bens culturais, sendo 29 celebrações, 24 formas de expressão, 23 ofícios e modos de fazer, 75 lugares e 29 edificações.

O Vale do Ribeira sempre contou com a presença indígena, especialmente da etnia Carijó, nas regiões do Iguape e Cananeia. Além disso, suas condições geográficas, históricas e socioeconômicas atraíram negros e outros indígenas, que fugiam dos escravocratas e se estabeleciam no Vale com esperança de liberdade e de uma vida digna.

A descoberta de ouro na região propiciou a formação das primeiras comunidades negras em Ivaporunduva, Xiririca (hoje, Eldorado), Apiaí e Paranapanema. Muitos africanos foram trazidos de Angola, Moçambique e Guiné para realizar o trabalho escravo nas minas. Depois da decadência da mineração e do fechamento da Casa de Fundição da cidade de Iguape, em 1763, a população negra permaneceu nas

antigas fazendas, assumindo a produção agrícola tanto como meio de vida e garantia de liberdade, quanto como objeto de interesse intelectual. Ao longo dos anos, esse interesse garantiu o aperfeiçoamento de técnicas e saberes agrícolas, hoje tão valorizados.

Bernardo Furquim – o fundador do Quilombo São Pedro

O quilombo foi fundado pelo negro Bernardo Furquim em torno do ano de 1833. “Contavam que ele veio corrido, veio fugido, parou aqui, começou a tocar serviço por aí, arrumou umas mulheres e gerou as famílias dele aqui dentro do Bairro de São Pedro”, conta o Sr. Eduardo Nolasco de França, bisneto de Bernardo Furquim. Ao chegar ao Vale do Ribeira, Bernardo encontrou várias pessoas que já residiam no local. “Eram todas daqui da região, ele é que veio de fora. Tinha uma trigueira e outra mais alva, que era filha de um colono”, diz a Sra. Benedita Furquim Rodrigues, referindo-se às duas mulheres com quem seu bisavô teve 24 filhos.

Para não ser recapturado pela escravidão e permanecer no Vale do Ribeira, o fundador de São Pedro desenvolveu estratégias próprias de resistência. Uma delas foi a mudança do nome Bernardo Machado dos Santos para Bernardo Furquim de França. Outra foi cultivar uma relação forte com a terra, baseada no plantio e beneficiamento de arroz, café, mandioca, cana-de-açúcar, milho, feijão, hortaliças, legumes e frutas. A sua engenhosidade é bem lembrada pelos quilombolas: “Naquele tempo, ele não tinha carro para carregar o barro para fazer a barragem”, relata o Sr. Eduardo Nolasco. “Então, ele pegava aquele couro de boi seco, punha no chão, enchia de terra com pedra e conseguia fazer a barragem.”

Bernardo Furquim também é famoso por ter constituído numerosas famílias com Catharina de Sene e Maria Rodrigues, apontadas como negras libertas, em registros de batismos de alguns dos filhos que elas tiveram com ele. Ainda circulam histórias de que Bernardo morou temporariamente em diferentes partes da região do Vale do

Ribeira e teve mais filhos com outras mulheres: “Tem Furquim em Pilões e em Maria Rosa também tem. Por causa dessa descendência grande, esparramou Furquim, vai indo, vai indo e vai esparramando um tanto para lá, um tanto para cá”, diz o Sr. Alcides Furquim.

José, Graciano, Lindolfo, Faustino, Miquelina, Fabiano, Antônia, Emência, Carmelina, Ana Faustina, Donária, Mereciana, Mistarda, João, Ana Maria, Marcelino e Zeferino são nomes de alguns dos filhos de Bernardo Furquim. “Então, ele arranjava uma mulher num lugar e sobrevivia um tempo com ela, porque era muito fácil sustentar três, quatro mulheres e ele era um cara muito inteligente”, explica o Sr. Eduardo Nolasco.

Bernardo Furquim registrou o seu modo próprio de colonizar o Vale do Ribeira. Seus saberes e valores alcançaram as comunidades vizinhas, influenciando os estilos de produção e de vida delas. Os filhos e filhas do fundador de São Pedro ocuparam e consolidaram territórios negros. Muitos deles se casaram com pessoas de outros povoados, mas permaneceram em São Pedro, enquanto outros se estabeleceram em vários quilombos da região. Com o tempo, as uniões conjugais realizadas entre parentes passaram a ser comuns na comunidade de São Pedro e resultaram na firmação e no fortalecimento do grupo.

Práticas agrícolas e modos de vida

As práticas de Bernardo Furquim, como a criação de gado com livre pastagem e a agricultura de coivara, continuam sendo seguidas por seus descendentes na comunidade de São Pedro. A agricultura de coivara é caracterizada pelo revesamento da terra para o plantio. Cada família escolhe uma parte do território do quilombo para ser cultivado. O tamanho pode variar entre um e seis hectares. Antes da temporada de chuvas, a família trabalha na derrubada da vegetação rasteira do local escolhido. O mato e os galhos são retirados e empilhados para secar em lugares predeterminados, aproveitando o período de seca, dentro do processo chamado de *fazer verão*. Após

a secagem natural, a vegetação empilhada é queimada e as árvores maiores são derrubadas, seguindo um modo único de trabalho que faz com que a derrubada de uma árvore favoreça a queda de outras. Os troncos maiores, após serem parcialmente queimados, são deixados nas roças para que adubem o solo.

O cultivo da terra começa com o arroz, que pode ser plantado em colunas alternadas com o milho, ou com o feijão. O milho é cultivado para a alimentação da família, mas uma parte dele é exposta à secagem natural, para alimentar os porcos. Além desses produtos básicos, são cultivadas frutas como a banana e o maracujá, bem como hortaliças e a mandioca.

Após o uso de um pedaço de terra, ele é deixado em descanso por um prazo mínimo de três anos para recuperar a fertilidade. Nesse intervalo, junto com o mato baixo – chamado *capuava* ou *capoeira* –, que volta a cobrir a terra limpa e trabalhada, faz-se o plantio do abacaxi e da cana-de-açúcar, produtos que não exigem muitos cuidados e se desenvolvem bem. Os passos assumidos no trabalho com a terra são tradicionalmente baseados nas fases da Lua e nas quatro estações.

Vista parcial da comunidade. Fonte: ISA, 2008.





Horta de quintal, espaço cercado no terreiro. Fonte: ISA, 2008.

A extração do palmito e a coleta de recursos florestais não madeireiros para a produção de artesanato são fontes de renda extra para as famílias. Os quilombolas coletam taquara, para a fabricação de cestos e balaios, e cipós de imbé e timbopeva, usados na confecção do tipiti, utensílio onde a massa da mandioca é espremida no preparo da farinha.

A produção agrícola em São Pedro atende, em primeiro lugar, às necessidades do grupo, sendo vendidos os gêneros alimentícios excedentes. **A relação dos quilombolas com a terra se dá em um contínuo diálogo, baseado em um entendimento compartilhado que eles possuem sobre o mundo. O uso do território é comunitário e a terra é um bem comum.** Cada pessoa mantém uma ligação muito estreita com a sua terra, cultivando-a,

transitando sobre ela, criando animais e nela residindo. O trabalho da família e demais pessoas da comunidade é feito em mutirões e suas principais características são a solidariedade e a troca de produtos.

A agricultura é a atividade principal no cotidiano dos moradores e a maioria deles se apresenta como agricultores. Entre os jovens, muitos são estudantes. O quilombo possui uma biblioteca comunitária, usada pelos moradores como espaço de leitura e lazer, além de uma escola municipal que oferece o primeiro ciclo do ensino fundamental. O esporte favorito da comunidade é o futebol.

Religiosidade

Grande parte dos quilombolas de São Pedro é católica, existindo também uma parcela evangélica. O padroeiro é São Pedro e sua festa é celebrada no fim de semana mais próximo do dia do santo, que é 29 de junho. **A comemoração reúne cerca de mil pessoas, entre moradores do quilombo, vizinhos e demais visitantes.** Tudo começa na manhã do sábado com uma procissão, seguida pelo levantamento do mastro de São Pedro e pela celebração da missa em sua homenagem.



Festa no Quilombo São Pedro. Fonte: ISA, 2008

A procissão e a missa são animadas por cantorias e orações acompanhadas por sanfona, bumbo, violão e pandeiro. A quermesse e o bingo começam no final da tarde e são seguidos pelo forró, que vai até a manhã do domingo. Durante o baile, todos se divertem com a *mão esquerda*, uma dança parecida com a quadrilha, comum nos meses de junho e julho em várias regiões do Brasil. O domingo de festa começa com um torneio de futebol entre times das comunidades da região. As partidas são jogadas durante todo o dia. A noite chega com mais quermesse e forró para embalar os foliões ao som de muita música, acompanhada pelas danças, que novamente atravessam a madrugada.



Grupo do Quilombo São Pedro dança a mão esquerda. Fonte ISA, 2008.

A festa do padroeiro da comunidade de São Pedro acontece há 83 anos e passou a compor o Circuito Quilombola do Vale do Ribeira. Lançado em 2012, o circuito é uma parceria entre alguns quilombos do Vale do Ribeira (André Lopes, Ivaporunduva, Mandira, Pedro Cubas, São Pedro e Sapatu) e a Associação de Monitores Ambientais de Eldorado (Amamel), para trabalhar o turismo de base comunitária e sustentável. A proposta é oferecer aos turistas a oportunidade de conhecer a cultura afrobrasileira de perto. Entre as atividades turísticas – como caminhadas pelas florestas, cachoeiras, cavernas e outras belezas naturais –, as apresentações culturais, como a festa tradicional de São Pedro, são muito valorizadas. As festas também permitem que os turistas conheçam a gastronomia quilombola, como o frango caipira, a carne de porco, a mandioca frita, o pastel, o bolo e a torta de palmito, além de muitos doces caseiros.

Outra celebração bastante apreciada em São Pedro é a chamada Circulação de Bandeiras entre os quilombos. Em geral os celebrantes associam essa festa ao pagamento de promessas feitas para santos, como São Gonçalo. Na Festa do Divino, sua bandeira sai da paróquia na cidade de Eldorado, passa por São Pedro e segue para Galvão. Outro festejo relacionado à Festa do Divino é o chamado Encontro de Bandeiras, que ocorre em cidades da região, como Eldorado e Iporanga, e conta com a participação dos bairros rurais e quilombolas, cada qual com a bandeira de sua comunidade.

O quilombo como Área de Preservação Permanente (APP)

A maior parte do território de São Pedro é coberta por Mata Atlântica e entrecortada pelos rios São Pedro, Passagem, São Paulino, Santana e Ivaporunduva. A forma como a comunidade quilombola se relaciona com esse ambiente garante a proteção da mata, uma vez que ela mantém uma convivência respeitosa com o solo, com as águas, com as diversas espécies de animais e plantas abrigadas no local. Porém, esse

cotidiano começou a sofrer grandes alterações a partir da construção de uma estrada que liga as cidades de Iporanga e Eldorado. A abertura dessa via fazia parte de um plano estatal de infraestrutura para atrair indústrias agropecuárias para a região. **A estrada modificou a convivência entre as comunidades do entorno e interferiu em seus territórios, bem como na relação com o meio ambiente.** Uma das consequências foi a maior facilidade de acesso ao território da comunidade por pessoas estranhas, levando ao início da extração ilegal do palmito. Do manejo exclusivo dos quilombolas, ela passou a ser realizada principalmente, de modo predatório, por empreendedores externos à comunidade.

Além das transformações impostas pela estrada, **o Estado determinou que cerca de 70% do território de São Pedro fosse instituído como Área de Preservação Permanente (APP), obrigando a comunidade a interromper várias de suas práticas tradicionais.** Em São Pedro, não há oposição às leis que pretendem preservar as reservas ambientais, já que a base da vida e do trabalho quilombola também é a preservação dos recursos naturais, que sempre abasteceram a comunidade. Entretanto, na forma inicial em que a legislação foi colocada em prática, feriu valores e saberes quilombolas. A agricultura de coivara foi condicionada à redução do prazo de descanso das terras, para um ano e meio. O seu uso por revezamento passou a ser permitido somente nas áreas mais próximas das residências e não mais na parte do território do quilombo considerada APP.

A limitação do espaço para o cultivo e a obrigatoriedade de reutilização da terra antes do prazo que ela necessita para se reestruturar comprometem a relação respeitosa que os quilombolas sempre tiveram com a natureza. “Antigamente, o povo trabalhava para produzir, hoje estamos com jovens sem interesse em trabalhar na roça. Amanhã os jovens não terão estudo, nem emprego e não saberão fazer roça”, diz uma quilombola de São Pedro. Ao atuar de maneira repressiva, a fiscalização ambiental aplicava multas constantes, colocando o estilo de vida e modo de trabalho quilombolas na ilegalidade.

A luta quilombola

A luta pelo reconhecimento como quilombo e pela titulação territorial ficou mais intensa na comunidade São Pedro quando parte do seu território tornou-se Área de Preservação Permanente (APP) e o modo próprio de trabalhar a terra e tratar o gado passaram a ser reprimidos pelas leis estaduais. A comunidade fundou em 26 de outubro de 1980 a Associação dos Moradores do Bairro de São Pedro com vista à defesa de seus direitos, obtenção de melhorias para o bairro e maior representatividade política. Já no contexto da luta quilombola, em 6 de abril de 1997, uma assembleia comunitária decidiu pela alteração do nome da associação para Associação dos Remanescentes do Quilombo São Pedro visando adequar-se às normativas legais para obtenção do título das suas terras. O reconhecimento da comunidade como quilombola foi feito em 1998 pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), com a elaboração do seu Relatório Técnico-Científico (RTC).

São Pedro e outros quilombos do Vale do Ribeira tornaram-se atores fundamentais na luta pela preservação desse importante reduto de Mata Atlântica e ao longo dos anos vêm buscando impedir o avanço de projetos que intensificam os problemas fundiários e ambientais da região, como a ameaça das barragens, o crescente desmatamento por terceiros nas áreas de preservação permanente, principalmente nas matas ciliares, o aumento dos projetos de mineração e a monocultura agrícola. A luta de São Pedro também visa reivindicar a autorização para continuar as práticas tradicionais na parte do seu território que se tornou APP e garantir que os seus modos de trabalho sejam respeitados pela legislação.

Apoiados pela Procuradoria da República, a Paróquia de Eldorado e a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP), os quilombolas de São Pedro conquistaram modificações nessa legislação. Em 6 de julho de 2001, a Assembleia Legislativa de São Paulo aprovou a Lei 10.850, determinando que as comunidades de Pilões, Maria Rosa, São Pedro, Ivaporunduva e Pedro Cubas tivessem seus limites territoriais respei-

tados pelo Parque Estadual Intervales. Também foi determinado que essas comunidades quilombolas ganhassem uma regulamentação específica, apesar de estarem dentro da Área de Preservação Ambiental (APA) da Serra do Mar e partes dos seus territórios terem sido consideradas APP, como no caso de São Pedro.

Ainda em 2001, no dia 15 de janeiro, uma área de 4.562,27 hectares, originalmente terras devolutas, foi titulada em nome da Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Pedro. Entretanto, em 2007, o Incra constatou que parte dessas terras tituladas ainda não havia sido registrada em nome da associação quilombola devido à falta de georreferenciamento do imóvel. Além disso, parte do território localiza-se no “Sitio Tiatã”, também conhecido como “Fazenda Tiatan”, julgada particular e ainda em nome de seu proprietário.

No dia 14 de janeiro de 2016, o Incra reconheceu e declarou uma área de 4.692 hectares como terras da comunidade de São Pedro. Os próximos passos são a desapropriação do imóvel particular, sua vistoria e avaliação, para então realizar a indenização da área e poder titular em favor da associação.



Festa no Quilombo São Pedro.

Fonte: ISA - Inventário de Manifestações Culturais. Foto: Felipe Leal/ISA, 2010

Esta narrativa foi composta por Suely Virgínia dos Santos com base no Relatório Técnico-Científico da Comunidade de Quilombo de São Pedro, elaborado pelo ITESP-SP em 1998 a partir do Laudo Antropológico do Ministério Público Federal de São Paulo organizado por Deborah Stucchi, Mirian de Fátima Chagas, Sheila Brasileiro, Adolfo Neves de Oliveira Júnior e Maria Ignez Maricondi. Informações adicionais foram obtidas no Relatório de Complementação de Informações para o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Quilombo de São Pedro, elaborado por Homero Martins, Marcelo Pacitti e Pedro Rocha. Foi também consultado o “Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira”, do Instituto Socioambiental (ISA, 2013), do qual são citados trechos. As fotos são de autoria de Felipe Leal e cedidas pelo ISA.

Uma palavra da comunidade

São Pedro

A Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro foi fundada em 26 de outubro de 1980, sendo a primeira associação de bairro do Vale do Ribeira. Nosso objetivo ao fundá-la era zelar pelas terras da comunidade e adquirir vários benefícios. Com a nossa organização conseguimos que fosse em 1986 aberta a estrada e em 1988 instalada a rede de luz. Em 1998 teve início o levantamento das comunidades quilombolas do Brasil, quando a nossa Associação passou a ser de quilombolas. Com o estudo topográfico e reconhecimento do território, fomos parcialmente titulados em 2001, sendo esta uma das nossas primeiras vitórias. Conquistamos também telefones, orelhão, internet, dando continuidade ao processo de organização. Tivemos a alegria de ver os quilombolas formados, por exemplo, como professores, padres, técnicos em enfermagem e advogados. Na educação temos uma escola de primeiro a quarto ano escolar. Na cultura temos nossas festas e danças.

A comunidade de São Pedro vive principalmente da agricultura familiar. Trabalhamos sobretudo com horta, palmito pupunha e banana para comercialização. Para subsistência produzimos quase de tudo: mandioca, feijão, batata, arroz, milho, batata-doce e muito mais. Trabalhamos com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do governo federal, e formamos uma cooperativa com as outras comunidades quilombolas do Vale do Ribeira há mais de dois anos. A nossa cooperativa precisava de um caminhão para o escoamento da produção, pois dependia dos outros para comercializar os produtos, tendo que pagar fretes e até mesmo perdendo a produção. Hoje estamos muito felizes, pois com o auxílio de projetos conseguimos adquirir um caminhão médio para o escoamento da produção. O próximo passo é conseguir uma cozinha para trabalhar o processamento do palmito pupunha na própria comunidade.

Sonhamos também com um posto de saúde para a comunidade, pois, distante da cidade, o atendimento aos moradores ainda é muito precário. Para chegar aonde chegamos, foi muita luta. Já tivemos parceiros mortos por causa de terra e a luta da comunidade só existe hoje porque alguém deu o sangue para a comunidade assumir a responsabilidade e correr atrás dos seus direitos.



Varação de canoa no Quilombo São Pedro

Fonte: ISA - Inventário de Manifestações Culturais

Foto: Anna Maria Andrade/ISA, 2010

Artesanato feito em tear.

Fonte: ISA, 2008.



Este texto foi escrito por Aurico Dias, liderança que vive na comunidade há mais de 50 anos.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CEBRAS, NUQ
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Deborah Lima, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer
CONCEPÇÃO DE TEXTO E EDIÇÃO FINAL	Deborah Lima
EDIÇÃO DE TEXTO	Juarez Rocha Guimarães, Gustavo A. Fonseca Silva
SUPERVISÃO DAS NARRATIVAS	Deborah Lima, Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Lilian C. B. Gomes, Aline Neves Rodrigues Alves, Isabella G. Miranda, Luciana Costa, Marilene Ribeiro, Suely Virgínia dos Santos
ADMINISTRAÇÃO	Kaianan Mauê S. Rosa, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

S237q Santos, Suely Virginia dos
O Quilombo de São Pedro / Suely Virginia dos Santos . - Belo Horizonte :
FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseada no Relatório técnico-científico e no Relatório de complementação
de informações para o Relatório de identificação e delimitação), da
Comunidade Quilombola de São Pedro (SP).

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Relatório técnico-científico sobre os
remanescentes da Comunidade Quilombola de São Pedro. I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

DILMA ROUSSEFF
Presidenta da República

PATRUS ANANIAS
Ministro de Estado do
Desenvolvimento Agrário

MARIA FERNANDA RAMOS COELHO
Secretária Executiva do Ministério do
Desenvolvimento Agrário

ROBERTO WAGNER RODRIGUES
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários
e Desenvolvimento Rural

ZORILDA GOMES DE ARAÚJO
Coordenadora do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural

EDMILTON CERQUEIRA
QUÊNER CHAVES DOS SANTOS
Coordenação Geral de Políticas para
Povos e Comunidades Tradicionais

MARIA LÚCIA FALCÓN
Presidenta do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária

RICHARD MARTINS TORSIANO
Diretor de Ordenamento da
Estrutura Fundiária

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
Coordenadora Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas

GUILHERME MANSUR DIAS
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico
Superintendências nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e pre-concepções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG



Coordenação Geral de Políticas para Povos e Comunidades Tradicionais



Ministério do Desenvolvimento Agrário

